O HUMANISMO E AS DUAS CULTURAS

Josaphat Linhares

No seu trabalho — Homens de Letras e de Ciências, diz Willy Lewin que o escritor e cientista inglês G. P. Snow desenvolve a idéia de que a sociedade ocidental vem sofrendo um grave processo de fragmentação, através do qual as pessoas educadas em diferentes disciplinas raramente conseguem qualquer espécie de comunicação significativa. Vivem e pensam em mundos isolados, estanques. As «duas culturas», que exemplificam o problema, são a dos intelectuais «literatos» e a dos intelectuais «cientistas». (1)

No entanto, Georges Duhamel, embora deplorando as preocupações da vida contemporânea, que substituiu o que êle denomina uma civilização moral por uma civilização mecânica, proclama, com ênfase: Eu creio que as grandes sensibilidades transformam mais profundamente o mundo que as grandes inteligências; as verdades que elas descobrem são mais eternas, oferecem mais resistência.

As doutrinas filosóficas de hoje, tôdas elas, refletem a ânsia do homem moderno em solucionar os problemas em que se acha envolvida a sua própria dignidade de ser humano, prestes a naufragar no meio da engrenagem econômica atual.

E essa ânsia, essa angústia, na literatura, mostra-nos, claramente, não só o próprio Duhamel, como também Sinclair descrevendo «Babbitt» — o homem contemporâneo — a reagir contra o despotismo social e, por fim, resignado e vencido diante da coletividade, que o esmaga — homem *standard* — simples indivíduo do mundo biológico, ou antes, peça da grande máquina produtiva de valores materiais.

---

(1) — Willy Lewin — Ob. cit., in Suplemento Literário de «O Estado de S. Paulo», de 24-2-1968.

Ou nos revela T. S. Eliot na sua alienação, que Finkelstein considera quase total em relação ao mundo que o circunda. Tôda a vida moderna, tôda a sociedade o revolta. Seu desprezo é particularmente intenso para com a gente comum e para com as fôrças que, segundo êle, fazem com que as massas se movimentem no campo da História: romantismo, ciência, democracia, industrialização.

Diz Finkelstein que nos notáveis e relativamente mais antigos de seus poemas existem descrições humanistas de desolação...

Em seus poemas, peças e ensaios posteriores, entretanto, é raro encontrarem-se imagens que expressem ternura para com qualquer aspecto da vida ou da natureza que o rodeiam. Procura-se, em vão, alguma descrição que não seja a de angústia, com a qual o leitor pode vir a identificar-se.

Eliot, diz Finkelstein, vê o mundo que o rodeia como um pelourinho onde está sendo torturado.

E mostra que essa sua visão do mundo é sumarizada na seguinte fala de Thomas Becket, em *Crime na Catedral*:

Não sabemos muito a respeito do futuro
Exceto que de geração a geração
As mesmas coisas acontecem repetidamente...
... Só
Só tôlo em suas fantasias, pode crer
Ser capaz de mover a engrenagem que o move.

Finkelstein acha que até o existencialista, descrente da ciência e da possibilidade de conhecimento e comando da realidade — «o homem a mover a engrenagem» — revolta-se contra essa obediência passiva.

E diz que, embora Camus, na sua imagem de Sisifo levando perpètuamente a pedra ao tôpo da montanha, pareça lembrar a engrenagem de Eliot, na verdade sempre afirmou que o ser humano, mesmo esmagado pela engrenagem, poderia menosprezá-la. Eliot despe o homem até dêsse gesto de revolta. (2).

Mas, se *Babbitt* se resigna ante a vitória do homem-massa — produto dessa civilização mecânica que Duhamel deplora porque faz a inteligência perder o que ela tinha de radiante e divino, se Eliot vê o homem dentro da engrenagem, que o move, sem um gesto de revolta, «a moral duhameliana reclama do homem uma incessante criação de sí mesmo, um constante esfôrço», que podemos dizer, de personalidade.

(2) — Sidney Finkelstein — Existencialismo e Alienação na Literatura Norte-Americana — Rio, 1969, págs. 163 e 167.

Nós, que pretendemos a felicidade, ajunta Achile Ouy, devemos conquistá-la sempre, sentindo cada instante da nossa vida com uma atenção bem viva, com uma atenção piedosa. Nunca vivermos com indiferença e que, sobretudo, os cuidados egoísticos não sufoquem, não amorteçam a nossa sensibilidade.

A inteligência, o coração...

Tanto se é grande pela inteligência como pelo coração.

Mas o coração é um mundo de amor e de ódio.

A inteligência, em Santos Dumont, cria asas ao homem, mas o coração se compunge e se despedaça por não poder esfacelar ao gênio do mal as asas que incendeiam e destroem, aniquilam e matam.

As jovens gerações, diz André Marchal, conscientes de viverem um «período crítico» ou uma «época», vêem que suas faculdades se desenvolvem em um clima de inquietação, de angústia, bem diferente do sentimento de confôrto intelectual das gerações do fim do século XIX.

Angústia mas não desencorajamento...

Porque as novas inteligências se movem facilmente e se riem dos obstáculos de que, com dificuldades, nos desembaraçamos.

Mas também verifica que o pesquisador, condenado à especialização, não pode acompanhar as últimas conquistas das outras ciências. (3)

Essa angústia, que se apoderou, com mais intensidade, do homem de letras, está bem traduzida por Sidney Frankelstein, no seu livro — Existencialismo e Alienação na Literatura Norte-Americana.

É um estudo, como o autor diz, sôbre o existencialismo, primeiro, como manifestação filosófica europeia e, em seguida, como influência na literatura, particularmente, na norte-americana.

O seu objetivo é o de demonstrar que o desenvolvimento filosófico e a expressão literária caminham de mãos dadas, a frente de uma série de crises sociais que atingiram sua maior intensidade agora, na metade do século vinte.

Assim, divergindo de Snow, que nos apresenta um processo de fragmentação, em que cientistas e literatos vivem e pensam em mundos isolados, estanques, no entender de Finkelstein, a filosofia e a arte diferem, não em profundidade ou

(3) — Andre Marchal — Economistes et Historiens — in Reveu Economique, maio, 1950, págs. 6 e 12.

na qualidade geral de suas maneiras de encarar a vida, mas na forma desenvolvida ao fazê-lo.

Os conceitos do filósofo, de forma abstrata, apresentam-se num sistema mais ou menos coerente, aplicáveis a tôdas as condições e pessoas.

As experiências que disseca — suas, de seus contemporâneos ou da história da sociedade — generaliza-as até o desaparecimento das particularidades da vida individual ou temporal.

O artista, pelo contrário, ainda que venha a ter uma visão filosofica da vida e chegue a amplas generalizações, projeta-as como imagens desta que não são, necessariamente, réplicas ou «imitações» do que vemos à nossa volta; mesmo quando parecem sê-lo, como num romance, numa peça ou pintura, sua qualidade artística não está nesta semelhança, mas em seu poder de evocar um complexo de estímulos emocionais, junto a uma «psicologia» bem definida, uma reação palpável ao mundo exterior, um reconhecível estado vital. Em sentido geral, podem-se denominar êstes estados vitais de «retratos humanos», com os quais o artista constroi a sua arte. (4)

Por sua vez, Kathleen Nott, sem negar que se deve fazer uma necessária e valiosa distinção entre o tipo de inteligência lógica ou analítica e o tipo que se manifesta pela imaginação e emoção, diz que, em certos casos, isso não importa em uma real oposição, nem mesmo em uma mútua exclusão.

E pergunta: existe um conflito inevitável entre o pensamento e a emoção?

Em uma coisa devemos concordar, imediatamente: é preciso ver o racionalismo dentro de sua própria história filosófica e, também, que o procedimento empírico metafísico tornou-se dominante nos últimos três séculos de pensamento.

Reconhece que os filósofos, inevitavelmente, são cerebrais e, na atualidade e com frequência, agnósticos. No entanto, não apenas os filósofos mas também os cientistas e matemáticos do nosso tempo têm um interêsse real e penetrante pelas artes.

Muitos dos que, no início dêste século, adotaram, a respeito da controvérsia entre sentido e valor, um critério rigidamente científico para o «sentido», tenderam, cada vez mais, a encarar a poesia como a linguagem de apercepção unificada, a linguagem verdadeira da nossa consciência real.

---

(4) — Sidney Finkelstein — Ob. cit., págs. 1 e 2.

Acha que tal interêsse pela poesia e pelas artes, para alguns intelectuais, deve expressar o sentido de uma necessidade pessoal de terapêutica, mas, também, pode ser nada mais que um reconhecimento são e inteligente de que tôda a inteligência humana deve aprender a se equilibrar, o que, acrescentemos, não deixa de ser uma forma de terapêutica.

Quando há uma grande variedade de desejos, interêsses e propensões, diz, é necessario um esfôrço deliberado nesse sentido, isto é, de a inteligência humana aprender a se equilibrar, se se quiser mantê-los em harmonia e não em conflitos. (5)

xxx

Voltando a Sidney Finkelstein, vimos como êle nos mostra a alienação em T. S. Eliot, com sua angústia, sua revolta e, sobretudo, com o seu desprezo pelas massas.

Sem omitir que o fenômeno foi desenvolvido por Marx em seus Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844, lembra que só recentemente o têrmo «alienação» passou a ser frequente em discussões psicológicas, sociológicas e literárias.

Diz que é característica de nossa época a enorme quantidade de talentos artísticos, profissionais e científicos envolvidos na teia da produção industrial monopolista. Os talentosos também se alienam de suas capacidades criadoras ou de parte de sí mesmos. A culpa da falta de propósitos e da parvalhice da maior parte da literatura «popular» e em «quadrinhos», das músicas e dos filmes, é atribuída ao «mau gosto» das «massas». Na verdade, refletem a alienação do trabalhador criativo em relação a seu trabalho, que não lhe dá liberdade de imaginação nem lhe permite desenvolvimento da inteligência, seguindo padrões preestabelecidos pelos «departamentos de venda». A arte passa a ser uma pseudo-arte, segundo fórmulas feitas. (6)

A sua repercussão no Brasil foi das mais desastrosas, traduzindo-se nas letras detestáveis das «músicas populares», em que a tônica é o desconhecimento completo dos mais comezinhos princípios gramaticais, como o emprêgo simultâneo de «tu» e «você», referindo-se à mesma pessoa, ou de expressões exdrúxulas, como «outro alguém» e, quando falam, abusando desnecessariamente e, muitas vezes, sem cabimen-

(5) — Kathleen Nott — O Racionalismo é Estéril? — in Objeções ao Humanismo — Rio, 1969, págs. 46-47.
(6) — Sidney Finkelstein — Ob. cit., págs. 130 e 132.

to, do advérbio «inclusive», como, por exemplo, «abrangendo inclusive», o que, deploravelmente, é seguido também, para não dizer «inclusive», na imprensa e nos noticiários radiofônicos.

Na mocidade universitária, em agitações estéreis, de objetivos indefinidos.

Finkelstein conceitua a alienação como «fenômeno psicológico, conflito interno, uma hostilidade em relação a alguma coisa aparentemente fora da pessoa e que a ela está ligada, uma barreira que não serve de defesa e causa inanição interna», diríamos melhor, inanição mental. (7).

É um fenômeno que aliena o ser humano de sua humanidade.

xxx

O existencialismo teria surgido como uma fórmula mágica para reintegrar o alienado na sua humanidade, para humanizar o homem.

Mas o existencialismo, diz Finkelstein, como as filosofias metafísicas que o precederam, apresenta-se como verdade eterna, diferindo destas por não ser um sistema «fechado». Sua diferença repousa na questão que o origina, vista como fundamental e tratada como única responsável por isso, diretamente e em profundidade. É a questão de como responder ao absurdo da «existência» humana, resultante da consciência de que sua «essência» — sua consciência de «ser» — está cercada pela «inutilidade» e se dissolverá na morte. O existencialismo assevera que a totalidade de uma vida está moldada pela maneira com que se enfrenta essa questão central, mais importante que qualquer outra. (8)

Em traços rápidos, numa síntese admirável, vemos aqui todo o conceito do existencialismo.

Se os laços realmente proveitosos e a «humanização» das relações sociais são o antídoto à alienação, diz Finkelstein, o existencialista tenta recobrar essa humanidade, rejeitando o próprio caminho que o levaria a ela.

As soluções existencialistas variam como seus filósofos. Kierkegard abandonava a razão e esperanças seculares pela crença no sobrenatural. Diante de Deus, todos os homens estão errados, dizia êle. Nietzsche era pela vontade de poder e profetizava o «super-homem». Heidegger acatava a consci-

---

(7) — Sidney Finkelstein — Ob. cit., pág. 130.
(8) — Sidney Finkelstein — Ob. cit., pág. 7.

ência primitiva do «ser» como «emergência». Êste primitivismo incluia uma ignorância social que o levou a apoiar os nazistas, suas bombas e seus *panzer*, como a libertação de um mundo acomodado e maquinal. Jasper achava que se devia dar ao «Cesar» das massas terrenas o que lhe pertencia, ao mesmo tempo em que preservava a filosofia como liberdade individual. Camus preconizava o desprezo pelo mundo absurdo e encontrava libertação num engajamento desesperançado. Sartre vê a liberdade como um isolamento interno, baseado na independência de outra qualquer compulsão, inclusive a que afirma não só a possibilidade, mas também a necessidade de cooperação humana. É bastante revelador, conclui Finkelstein, nas obras de todos êles a pouca afirmação e a profunda angustia. (9)

Não há, na verdade, unanimidade de pensamento nos existencialistas. Uns são ateus, outros, como vimos em Kierkegard, apelam para Deus, por que todos os homens estão errados. Só há uma tônica em todos êles, que é a angústia diante de um mundo absurdo, aceitando como questão fundamental a inutilidade de uma existência que confinará na morte.

Mesmo quando Sartre diz que «o primeiro efeito do existencialismo é o de fazer que todo homem se possua a si próprio e o de colocar sôbre seus ombros total responsabilidade por sua existência», não pode estar seguro de que seus companheiros de luta prosseguirão seu trabalho após sua morte.

Finkelstein vê implicita nessas palavras corajosas sôbre a aceitação total da responsabilidade por sua existência a impotência existencialista.

O que, porém, mais me surpreendeu no admirável trabalho de Finkelstein é quando êle cita Paul Tillich, que afirma que «atualmente já é do conhecimento de todos neste país» (refere-se aos Estados Unidos) que o existencialismo no mundo intelectual do Ocidente se inicia com Pascal». (10)

xxx

Falar em Pascal evoca-nos o século XVII, o século de Luís, XIV — o Rei-Sol, e, também, o século do classicismo e, pois, da expressão harmoniosa das letras e das artes.

---

(9) — Sidney Finkelstein — Ob. cit., págs. 152-153.
(10)— Sidney Finklestein — Ob. cit., pág. 6.

Evoca-nos o Discurso sôbre o Método, de Descartes, a eloquência de Bossuet, a poesia de Malherbe, a grandeza dramática nas comédias e tragédias, de Corneille e Molière e, sobretudo, a imponência e o fulgor dêsses dois vultos, que nos assombram e maravilham: Pascal, em seus PENSAMENTOS, e Racine, em suas TRAGÉDIAS, nos revelam o conflito, que os envolvia, entre um verdadeiro humanismo, herdado, em parte, da Renascença, mas avigorado com a fé na liberdade e na grandeza do homem, que poderia, a despeito da falta original, conseguir a sua salvação, e o pessimismo jansenista, que o levava ao desespêro, condenado à perdição eterna, se não fôr socorrido pela graça de Deus. (11)

Blaise Pascal foi um vulto extraordinário, mesmo diante da fulgurante grandeza dos homens que ilustraram o século que se consagrou, na França, pelo pleno desenvolvimento da literatura clássica.

Matemático e fisico, nele se encontram, diz Henri Massis, as origens da máqiuna de calcular, baseada no princípio que mais tarde iria ser posto em prática por Taylor: economizar o tempo e poupar a fadiga do trabalhador, substituindo-o por uma máquina racionalmente montada, objetiva que Pascal desejava atingir «combinando as luzes da Geometria, da Física e da Mecânica, pela legítima e necessária aliança da teoria com a arte», conforme êle próprio escreveu.

Para mim foi acertada a opinão de Finkelstein, de que «é algo discutível dizer que Pascal era existencialista», é mesmo muito discutível.

É verdade que êle dizia: Quando penso na pequena duração da minha vida, absorvida na eternidade precedente e seguinte — *Memoria hospitis unius diei prestereuntis* — no pequeno espaço que ocupo, o mesmo que vejo, fundido na imensidade dos espaços que ignoro e que me ignoram, espanto-me e assombro-me de ver-me aqui e não alhures; pois não há razão alguma para que esteja aqui e não alhures, agora e não em outro momento qualquer... (12)

E ainda: A única coisa que nos consola das nossas misérias é o divertimento e, no entanto, essa é a maior das nossas misérias; pois é o que nos impede principalmente de pensar em nós e o que nos perde insensivelmente. Sem isso

---

(11)— André Lagarde e Lourent Michard — XVII SIECLE — Les Grands Auteurs Français du Programme — III — pág. 11.
(12)— Pascal — Pensamentos — Editora Cultrix — São Paulo — pág. 25 — Nota 3 — e pág. 60.

ficaríamos desgostosos e êsse desgôsto nos levaria a procurar um meio mais sólido para sair dêle. Mas o divertimento alegranos e faz-nos chegar insensivelmente à morte. (13)

Veja-se, porém, essa afirmação corajosa de um verdadeiro humanista· O homem não passa de um caniço, o mais débil da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que todo o universo se arme para esmagá-lo; uma gôta é suficiente para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmague, o homem seria ainda mais nobre que aquilo que o mata, porque sabe que morre e o que o universo tem de vantagem sôbre êle; o universo não sabe nada. Tôda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. É daí que precisamos nos elevar e não do espaço e da duração que não saberíamos encher. Esforcemo-nos, pois, em pensar bem: eis aqui o princípio da moral. (14)

xxx

Mas concordo plenamente com Lucien Goldmann quando diz que, em muitos pontos, a obra de Pascal representa a grande virada no pensamento ocidental, do atomismo racionalista ou empirista para o pensamento dialético.

O racionalismo, diz Goldmann, partindo de idéias inatas ou evidentes e o empirismo, partindo da sensação ou da percepção, admitem, tanto um como outro, em cada movimento de pesquisa, um conjunto de conhecimentos adquiridos, a partir do qual o pensamento científico *avança em linha reta*, com maior ou menor certeza, sem, entretanto, ter de voltar *normal e necessariamente* aos problemas já resolvidos. O pensamento dialético afirma, em compensação, que nunca há pontos de partida absolutamente certos, nem problemas definitivamente resolvidos; afirma que o pensamento nunca avança em linha reta, pois tôda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais. A marcha do conhecimento aparece assim como uma perpétua oscilação entre as partes e o todo que se devem esclarecer mutuamente (15)

E o que escreveu Pascal no século XVII?

«Se o homem se estudasse primeiro, veria o quanto é incapaz de ir avante. Como é possível uma parte conhecer o

---

(13)— Pascal — Pensamentos — Editora cit., pág. 84.
(14)— Pascal — Pensamentos — Editora cit., págs. 96-97.
(15)— Lucien Goldmann — Dialética e Cultura — Rio, 1967, págs. 5 e 6.

todo? Mas êle aspirará talvez a conhecer ao menos as partes com as quais guarda proporção. As partes do mundo,porém, guardam entre si uma tal relação e um tal encadeamento umas com as outras, que creio impossível conhecer uma sem a outra e sem o todo».

E, concluindo: «Sendo, pois, tôdas as coisas causadas e causadoras, auxiliadas e auxiliadoras, mediatas e imediatas, e tôdas se achando prêsas por um vínculo natural e insensível que une as mais afastadas e diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes». (16).

Georg Lukacs diz: Não é a predominância dos motivos econômicos na explicação da história que distingue de modo terminante o maxismo da ciência burguesa; é o ponto de vista da totalidade. A categoria da totalidade, a predominância universal e determinante do todo sôbre as partes constitui a própria essência do método que Marx emprestou de Hegel e transformou de maneira a fazê-lo a fundamentação original de uma ciência inteiramente nova... A predominância da categoria da totalidade é o suporte do princípio revolucionário na ciência». (17)

Mas o que para Lukács constitui a fundamentação original de uma ciência inteiramente nova — a predominância universal e determinante do todo sôbre as partes — já constituia para Pascal o método indispensável para o conhecimento científico, pois, guardando as partes do mundo uma tal relação e um tal encadeamento umas com as outras, cria impossível conhecer uma sem a outra e sem o todo.

Em Pascal se encontra também um dos princípios do chamado método dialético, que é a reconciliação dos contrários.

«Só podemos mostrar uma bôa fisionomia quando resolvemos tôdas as nossas contradições, e não basta seguir uma sequência de qualidades acordes sem conciliar os contrários; para entender o sentido de um autor é preciso conciliar tôdas as passagens contrárias». (18)

Paremos de apreciar o que há de maravilhoso e de fulgurante nos Pensamentos de Pascal, pois iríamos muito longe.

---

(16)— Pascal — Pensamentos — Editora cit., págs. 58-59.
(17)— Georg Lukács — apud Lucien Goldmann — Ob. cit., pág. 49.
(18)— Pascal — Pensamentos — Editora cit., pág. 189.

Retomemos antes o que nos propomos, que é buscar o verdadeiro elo, que já se entrevê no contexto de «Homens de Letras e de Ciências», de Willy Lewin, e que irá promover a integração das «duas culturas», nos tempos que vivemos, como se integraram numa mesma significação filosófica, numa mesma «visão do mundo», os PENSAMENTOS de Pascal e as TRAGÉDIAS de Racine. (19)

A integração dos homens, que pensam e sentem, se fará, estamos certo, pelo humanismo, pois só o humanismo integra o homem na sua humanidade, desenvolvendo-lhe a potencialidade da inteligência e do coração a se manifestar na ciência, nas artes e nas letras.

xxx

Eu não admito a arte pela arte.

Agrada somente sem dar um sentido à vida.

A arte deve expressar o sentir de uma época, traduzir a realidade da existência humana.

As letras não devem ser apenas sonoridades que embalam os ouvidos, devem traduzir, sobretudo, pensamento e ação.

O homem de letras tem de ser sentimento e inteligência; a sua obra deve ter um sentido sob pena de não passar de um simples literato ou de um erudito sem compreensão.

Nem todos, no Brasil, aliam cultura científica à beleza da forma e, às duas, uma finalidade, um sentido superior, que é a própria razão de ser da vida.

Uns se acastelam na aridez impenetrável de uma ciência de assimilação.

Outros, sonoridades maviosas, desprovidas de sentido, que embalam por embalar, sem nenhuma finalidade, sem se aperceberem do destino dos que os lêem, igualmente, desorientados no cáos de um mundo indefinido.

São letras contra o espírito.

Quereis um exemplo? — Rui Barbosa.

Ninguém, no Brasil, como êle, levou à perfeição a língua portuguêsa; poucos, talvez, acumularam tão vasta erudição.

Cultor do Direito, jornalista, parlamentar, orador eloquente, extravasava-se numa verborragia que, no entanto, encantava e seduzia.

---

(19)— Leia-se Lucien Goldmann — Ob. cit., págs. 155 a 172.

Apelidaram-no de grande defensor da pessoa humana
A verdade é que usou e abusou da palavra liberdade sem nunca lhe haver dado uma significação.

Vêde agora três grandes figuras das nossas letras, três grandes vultos do Brasil intelectual: José de Alencar, Graça Aranha e Euclides da Cnuha.

Iracema é um poema de beleza emocional.

«Verdes mares bravios de minha terra natal ,onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

«Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

«Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas

«Onde vai a afoita jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?...

«Três entes respiram sôbre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fóra».

Assim inicia José de Alencar o seu poema, onde canta a beleza da terra cearense, e descreve a bravura indômita do seu povo e o seu amaro destino.

«O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?»

Canaã é a beleza cantante de uma terra virgem suspirando por uma humanidade perfeita.

«O mundo é a expressão da harmonia e do amor universal».

A terra da promissão, que Milkau, ansioso, buscava juntamente com Maria, embora não a visse mais, estava alí bem perto, apenas aguardando que os homens se compreendessem.

«Paremos aqui e esperemos que ela venha vindo no sangue das gerações redimidas. Não desesperemos. Sejamos fiéis à doce ilusão da Miragem. Aquêle que vive o Ideal contrai um empréstimo com a Eternidade».

Os Sertões abre-nos o Brasil à alma estupefata.

Mostra-nos a natureza selvagem, o «cerne de uma nacionalidade. a rocha viva da nossa raça».

É o grande livro brasileiro. Sarmiento, na Argentina, canta a bravura intrépida e violenta de Facundo, Euclides da Cunha, no Brasil, canta a bravura resignada e forte do sertanejo.

Não seria justo que deixasse de relembrar aqui, den-

tre os luminares da Academia Cearense de Letras, cujo convívio muito nos honrou — Pompeu Sobrinho.

Nele se desenvolvia, pelo humanismo, a potencialidade da inteligência e do coração.

Devemos-lhe o projeto de que resultou a estrutura indestrutível do «Orós» e, em consequência, não é mais o Jaguaribe «uma artéria aberta», como o lamentava Demócrito Rocha.

Com o seu profundo conhecimento da antropologia brasileira, apresenta ao «Retrato do Brasil», de Paulo Prado, não «pequenos retoques», como, modestamente, diz, mas sérias e incontestáveis contraditas.

A equação estabelecida no «Retrato do Brasil» — Luxúria + Cobiça = Melancolia, contrapõe forte desmentido.

Diz que «o esplêndido dinamismo ibérico provinha de uma fonte mais nobre do que a que lhe atribui o «Retrato do Brasil». Era na essência o produto de um acúmulo de energias da raça lentamente estratificadas em milhares de feitos belicosos... Não havia nem ambição desmedida de ouro nem sensualidade livre, infrene, doentia porém, simplesmente, uma espécie de instinto dinâmico, dominando a maioria da nação. As idéias religiosas, que então reinavam de modo absoluto, impediriam o surto monstruoso dessas paixões».

Ressalta, como é sabido, o fato de só se terem descoberto minas de ouro, no Brasil, nos últimos lustros do XVII século.

Desta forma, «as bandeiras e entradas anteriores a essa data, que foram as mais notáveis, não devem ser consideradas como manifestações de sórdida ambição de ouro. Moviam-nas estímulos mais poderosos e reais. Eram antes de tudo os remanescentes da indômita energia dos navegadores, transplantada para o Brasil através do sangue dos seus descendentes e despertada pela necessidade natural e muito comum da economia rural que exigia braços».

Ressalta que «o chefe das organizações rurais, é, de ordinário, um rebento viçoso dos heróis dos descobrimentos, ainda estuante de energia, avigorada certamente na atividade criadora mas rude de uma situação especialíssima de facies econômico-guerreiro».

Por conseguinte, arremata, «não eram êsses núcleos rurais apenas fábricas de açucar e outros produtos do solo: também o eram de mamelucos e de bons brasileiros, dessa gente nova que fez a nacionalidade».

Pompeu Sobrinho é um grande apologista dos mestiços no Brasil.

A extrema diversidade de estrutura mental, as tendências desencontradas, a debilidade da vontade e da resistência orgânica, a deficiência do espírito de organização, muitas vezes, invocadas para mostrar a pretendida incapacidade dêles (mestiços) não passam, diz Pompeu Sobrinho, de pura ficção, nunca transpuseram as páginas de alguns livros tendenciosos ou de desavisada erudição.

Euclides da Cunha, que se deixou levar por essas doutrinas, válidas na época, reconheceu, como profundo observador, que, nos sertões, a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de evolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a sólida base física do desenvolvimento moral ulterior.

Para êle, o sertanejo é um retrógrado; não é um degenerado, pois é, antes de tudo, um forte. (Os Sertões, págs. 108 a 114).

Pompeu Sobrinho observa que «no decurso dos anos, multiplas diferenciações humanas se sobrepõem, estimulando o espírito de independência, hombridade e valentia, de que são provas luminosas os feitos da campanha da libertação holandesa, as lutas nativistas, o desbravamento e conquista do *hinterland* e o processo regular de maturação da autonomia nacional. Nada disso teria sido possível se a mesquinha sociedade colonial vegetasse engolfada no indigno depravamento e triste corrupção, dominada pelos vícios e paixões sexuais deprimentes, dobrada sob o pêso das mais degradantes parestesias do instinto genésico, desbotada pela luz de uma cobiça indomável e tôrpe, como nos pinta o «Retrato do Brasil».

E, como desmentido ao último têrmo da equação de Paulo Prado, observa que, se, por determinadas circunstâncias, «o índio era mais propenso à tristeza do que à alegria os mestiços de tôdas as nuanças, porém, se adaptavam facilmente. Por um lado, eram filhos da terra, por outro, no mínimo, vinham de pai que já se aclimara. Estavam sensivelmente desembaraçados da carga de influências atávicas, fato de grande relevância, pois os tornava especialmente plásticos, moldáveis às ações mesológicas, facilmente conformáveis a qualquer situação. Eram, por conseguinte, gente alegre, divertida, dinâmica».

Conclui Pompeu Sobrinho os seus «Pequenos Retoques» ao livro de Paulo Prado, dizendo que «o brasileiro é um genuino produto do cruzamento de raças distanciadas e fortes, mas cuja mistura resultou eugenésica. Tanto nos basta para termos uma grande fé no futuro da nacionalidade, cuja atividade política e econômica se desenvolve nas terras ferazes do Brasil». (20)

Foi êste o cientista que, por longos anos, conviveu com uma pleiade de ilustres jóvens poetas e romancistas, que honram a nossa Academia.

Que o seu sucessor, na cadeira, F. Alves de Andrade, apresentando-nos «Agronomia e Humanismo», prossiga a tarefa nobilitante de Pompeu Sobrinho, numa demonstração honrosa para a Academia Cearense de Letras, de que não há compartimento estanque para os que pensam e para os que sentem, pois o humanismo desenvolve a potencialidade da inteligência e do coração, êste pêndulo universal dos rítimos, na expressão de Raul Pompéia, num verdadeiro equilíbrio entre o pensamento e a emoção.

xxx

Em pleno contraste com o romântico desprêzo pelas ciências naturais e pela técnica, diz Kosik, foram justamente a moderna técnica, a cibernética, a física e a biologia que abriram novos caminhos ao desenvolvimento do humanismo e à investigação daquilo que é especificamente humano. (21)

Willy Lewin, em outro trabalho — O Uso Humano dos Seres Humanos, refere-se a computadores eletrônicos que chegam a fazer poesia e críticas literárias, o que pareceu a muitos uma humilhação para o ser humano.

Na verdade, porém, diz: «enquanto agem os cérebros eletrônicos, no seu papel prodigiosamente complexo de *máquinas,* os cérebros humanos — dispensados da tarefa subsidiária, mas exaustiva, de reunir dados — se concentram nessa operação também específica e não menos maravilhosa (nobre, por excelência), que é a de pensar».

Trata-se, em suma, de uma perfeita divisão de trabalho, cuja fecundidade para o exercício da crítica e da pesquisa erudita (individual ou em equipe) facilmente se ima-

(20)— Th. Pompeu Sobrinho — «Retrato do Brasil» — Pequenos Retoques - Fortaleza - 1930, págs. 33, 34, 83, 80. 81, 92, 91, 104.

(21)— Karel Kosik — Dialética do Concreto — Rio, 1969, pág. 37.

gina. Em última análise, os computadores eletrônicos, em vez de absorverem ou anularem, *libertarão* o pensamento, diz Willy Lewin.

Em seguida, cita Leopold Tyrand, polonês radicado nos EUA, o qual diz que nada impede a coexistência «pacífica» entre a tecnologia e o humanismo, e relata que, quando compareceu a uma recepção no Centro de Naves Espaciais Tripuladas, em Houston, viu-se rodeado de matemáticos, físicos, engenheiros e astronautas, mas o tópico das conversas, geralmente, girava em tôrno de cinema, teatro, os últimos livros de determinados escritores, possivelmente, supomos, como uma necessidade pessoal de terapêutica, para o equilíbrio da inteligência com os sentimentos humanos. (22)

E prosseguia...

Mas, a referência às Naves Espaciais Tripuladas leva-nos, quase instintivamente, por ser muito significativo para o momento, ao poema — O Homem, as Viagens — do poeta Carlos Drumond de Andrade:

O homem bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
lugar de muita miseria e pouca diversão.
toca para a Lua.
... Restam outros sistemas fóra
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima. dangerosíssima viagem
de sí a si mesmo
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o Homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de conviver.

---

(22) — Willy Lewin — O Uso Humano dos Seres Humanos — in Suplemento Literário de «O Estado de S. Paulo», de 10-5-69.

Pascal, o pensador genial, confessa que passou muito tempo no estudo das ciências abstratas, e quando começou o estudo do homem, viu que essas ciências abstratas o desviavam mais de sua condição, penetrando-as, do que os outros, ignorando-as. Julgou, porém, ao menos, encontrar muitos companheiros no estudo do homem; que é o verdadeiro estudo que lhes é apropriado. Mas enganou-se; êles são ainda menos numerosos do que os que estudam a Geometria.

E pergunta se não é preferível ao homem ignorar-se para ser feliz. (23)

Tem razão o poeta quando fala na dificílima, perigosíssima viagem para pôr o pé no chão do coração do homem.

Cuidado, poeta!

Lembro-me de ter lido, na primeira fase de minha formação intelectual, se me não engano, nas imortais páginas de «Os Miseráveis», de Victor Hugo, que há dois infinitos: um acima do homem, que é Deus, outro, no próprio homem, que é o seu coração.

Abismo insondável, arcano indevassável, infinito imensurável, se assim me posso exprimir, é o coração do homem.

Nos seus escaninhos impenetráveis, que formam um mundo desconhecido, se alojam paixões e virtudes, alegrias e tristezas, esperanças e desilusões, resignação e desespêro, ódio e amor.

Cristo, no Hôrto das Oliveiras, orando pela humanidade, e Nero, qual artista, gozando o incêndio de Roma, sentiam diferentemente, mas o coração do homem é sempre grande, imensurável, infinito.

No Homem-Deus, temos Jesús sentindo as dores da maldade dos homens.

Nos homens, temos Neros incendiários, que se multiplicam através dos tempos, incendiando e bombardeando cidades, causando a viuvez e a orfandade, a misêria por tôda parte.

Mas temos também Francisco de Assis, com os seus cânticos ao irmão fôgo, à irmã água, e, ao beijar o leproso, compensa todos os sofrimentos de Gethesemani.

---

(23) — Pascal — Pensamentos — Editora cit., pág. 53.



A MORTE DE GONÇALVES DIAS — Quadro de Eduardo de Sá, existente no Salão Nobre do Palácio do Govêrno, em S. Luís do Maranhão.